

Cresce o interesse pelo direito internacional

Por Margareth Boarini, para o Valor, de São Paulo

Quando entrou para o escritório Tozzini Freire, em 2002, como estagiária, a estudante da Faculdade de Direito do Largo São Francisco, da USP, Fernanda Sayeg já vislumbrava as oportunidades futuras da área do direito internacional. Pensando em seguir carreira na área, ela decidiu investir pesado na própria capacitação. Estudou inglês, espanhol, francês e italiano. Pelo escritório, conseguiu em estágio na missão permanente do Brasil em Genebra, na área do direito do comércio internacional. Depois disso, dirigiu o Instituto de Direito do Comércio Internacional e Desenvolvimento (IDCID). Hoje, seis movimentados anos depois, é advogada plena na área de defesa comercial e antidumping do Tozzini Freire e uma entusiasta da profissão. É dinâmica e mistura a parte jurídica, econômica e de relações internacionais, está na vanguarda, diz.

Assim como Fernanda, cada vez mais estudantes da área de direito estão descobrindo as possibilidades e especializações que a área oferece. Nos últimos oito anos, a busca por advogados especializados cresceu 70% no Brasil e a previsão é de que o mercado esteja apenas engatinhando, segundo estimativas de Hélio Terra, presidente da Ricardo Xavier Recursos Humanos (nova denominação da Manager). A globalização e a inserção do país no cenário internacional como um player cada vez mais importante em vários segmentos da economia deram um foco especial para a área, seja dentro das universidades, nos escritórios de advocacia ou mesmo na própria Ordem dos Advogados do Brasil.

A Comissão de Direito Internacional da OAB-SP, com cerca de 20 anos de existência, registra nos últimos dois a três anos uma acentuada procura de colegas atrás de informações que vão desde a participação na própria comissão, como intercâmbios com organizações similares ou reciprocidade de tratamento a advogados em outros países.

Eduardo Tess Filho, presidente da comissão, lembra que para atuar na área de direito internacional não basta apenas entender de comércio exterior. É preciso compreender o exercício de advogar em outros países e saber como funciona o sistema judiciário, diz. Gestão do negócio, flexibilidade nas negociações e liderança passaram a fazer parte do vocabulário dos advogados, ressalta Marcelo Mariaca, fundador da empresa que leva seu nome especializada na seleção de

executivos.

A complexidade da área, por sinal, acaba moldando um profissional com perfil diferenciado. Além do profundo domínio técnico, é fundamental ter conhecimento de História, falar no mínimo três idiomas, ter flexibilidade, ser aberto à diversidade de culturas, além de habilidade para negociar. O advogado que atua na área internacional deve ser antes de tudo um estrategista. Sair do casulo que é o seu país para ver e compreender melhor o cidadão, o Estado e a legislação de outros países, afirma Maristela Basso, advogada especializada na área e professora livre-docente em direito internacional da USP. Para ela, o profissional que opta pela área não pode se limitar a um bom curso de graduação. É preciso buscar cursos de extensão e de pós tanto aqui como no exterior, trabalhar em escritórios com forte ênfase no mercado internacional e ler muito, sempre, diz. Especializada em questões relativas à propriedade intelectual, Maristela viu dobrar o número de alunos interessados em fazer seus primeiros estudos e trabalhos em direito internacional. E ela acredita que o interesse continuará a crescer.

Jairo Saddi, coordenador da área de direito do Ibmecc São Paulo, também acredita que esta especialização ainda crescerá muito no Brasil. Não temos ainda uma geração de profissionais formados. Mas estamos apenas no começo desta história. João Cândido Lindenberg Motta já se graduou em relações internacionais e cursa o último semestre de direito, nas Faculdades Integradas Rio Branco. Tem 24 anos, fala quatro idiomas e voltou recentemente de um curso na Academia de Direito Internacional de Haia. Ele trabalha no escritório da família, o Motta, Fernandes Rocha Advogados, mas sabe que sem investir na capacitação profissional não terá o êxito desejado na área. Pretendo estudar mais o campo da arbitragem internacional, ainda um pouco restrito no Brasil.

O advogado Edson Beas Rodrigues Jr. dedica-se à produção de sua tese de doutorado na USP. Especializado em propriedade intelectual, ele atentou-se para o direito internacional ainda na graduação. Ele via mais oportunidades de trabalho num mercado dinâmico. Ele traz no currículo uma experiência que marcou o início da sua carreira. Logo que se formou, esteve envolvido no processo de resgate da designação cupuaçu para o Brasil, que havia sido registrada em 1998 pela empresa japonesa Asahi Foods. O advogado atuou no time que travou a batalha legal dentro do Japão e teve sucesso na empreitada. O direito internacional nos força a sair da caixa chamada Brasil, diz.

Fabrcio Polido, advogado formado pela USP, com master in law na Itlia, professor de direito internacional da FAAP, tambm dedica-se atualmente à tese de doutorado na USP. No dá para ficar parado. É preciso ler muito, estudar, viajar, participar de congressos aqui e fora do país, sentenciamos.

Os grandes escritórios de advocacia do Brasil sabem disso e investem pesado na formação de seus profissionais. **No Pinheiro Neto Advogados, dos 400 profissionais, perto de 140 têm mestrado ou fizeram intercâmbio nos Estados Unidos ou Inglaterra. A média anual é que entre cinco e dez profissionais da casa sejam mandados para o exterior, com subsídio da empresa, diz Alexandre Bertoldi, um dos sócios. A principal habilidade para quem atua na área internacional é a adaptação. E para aprender a ler bem as diferentes culturas é preciso sair do país.**

O Tozzini Freire é outro que promove intercâmbios e viagens constantes de seus advogados. Shin Kim, sócia responsável pela área de investimento estrangeiro, tem sob sua tutela uma equipe de 25 pessoas. É taxativa ao afirmar que viagens, capacitação constante e estar bem informado são obrigações que podem ajudar o advogado da área internacional a se tornar um profissional de sucesso. Na faculdade, temos uma educação passiva. Expor-se ao mercado ajuda a não ter medo de debater, mostrar suas idéias, negociar. Atuamos cada vez mais na estratégia, na montagem e implementação de negócios em disputas. Nos últimos dois anos, a equipe da área comandada pela advogada cresceu 100%, um efeito direto da globalização das transações comerciais.

Desde o ano passado, o exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) contempla timidamente a área de direito internacional na primeira fase, composta por questões objetivas, de múltipla escolha. Mas segundo Braz Martins Neto, presidente da comissão de estágio e de exame da OAB, já existe um projeto, em fase inicial, para contemplar na segunda fase dois outros ramos do direito, o internacional e o empresarial. Segundo ele, a mudança seria em função do aumento do interesse dos jovens por essas especializações. Mais um sinal de que a área começa a pesar na escolha dos futuros profissionais.